



ANAIS



III CEPIAL

CONGRESSO DE CULTURA
E EDUCAÇÃO PARA A INTEGRAÇÃO
DA AMÉRICA LATINA

Semeando Novos Rumos

www.cepial.org.br
15 a 20 de julho de 2012
Curitiba - Brasil



ANAIS



III CEPIAL

CONGRESSO DE CULTURA
E EDUCAÇÃO PARA A INTEGRAÇÃO
DA AMÉRICA LATINA

Semeando Novos Rumos

Eixos Temáticos:

1. INTEGRAÇÃO DAS SOCIEDADES NA AMÉRICA LATINA
2. EDUCAÇÃO PARA O DESENVOLVIMENTO LATINO-AMERICANO:
SUAS MÚLTIPLAS FACES
3. PARTICIPAÇÃO: DIREITOS HUMANOS, POLÍTICA E CIDADANIA
4. CULTURA E IDENTIDADE NA AMÉRICA LATINA
5. MEIO-AMBIENTE: QUALIDADE, CONDIÇÕES E SITUAÇÕES DE VIDA
6. CIÊNCIA E TECNOLOGIA: PRODUÇÃO, DIFUSÃO E APROPRIAÇÃO
7. POLÍTICAS PÚBLICAS PARA O DESENVOLVIMENTO SOCIAL
8. MIGRAÇÕES NO CONTEXTO ATUAL: DA AUSÊNCIA DE POLÍTICAS
ÀS REAIS NECESSIDADES DOS MIGRANTES
9. MÍDIA, NOVAS TECNOLOGIAS E COMUNICAÇÃO

www.cepial.org.br
15 a 20 de julho 2012
Curitiba - Brasil

ANAIS



III CEPIAL

CONGRESSO DE CULTURA
E EDUCAÇÃO PARA INTEGRAÇÃO
DA AMÉRICA LATINA

Semeando Novos Rumos

Eixo 4

“CULTURA E IDENTIDADE NA AMÉRICA LATINA”

www.cepial.org.br
15 a 20 de julho de 2012
Curitiba - Brasil

4. CULTURA E IDENTIDADE NA AMÉRICA LATINA

MR4.1. Sociedade e Cultura de Fronteira

EMENTA

Esta mesa propõe-se a discutir fronteiras no Prata, contemplando diferentes temporalidades e espacialidades com enfoques voltados aos guaranis, às missões jesuíticas, aos migrantes dos séculos XIX e XX e às ideologias nacionalistas e de integração. Poderão ser trazidos ao debate estudos e reflexões que apontam para relações sociais transfronteiras, para vivências à margem das intencionalidades oficiais e de discursos hegemônicos. A composição da mesa proposta atentou para a inserção interinstitucional, para a interdisciplinaridade e vínculos com programas de pós-graduação que trabalham com fronteiras.

Coordenador: Valdir Gregory – Universidade Estadual do Oeste do Paraná (UNIOESTE - BRASIL)
Carmen Curbelo: Universidad de la Republica Uruguay - (UDELAR - URUGUAY)
Ernelo Schallenger – Universidade Estadual do Oeste do Paraná (UNIOESTE – BRASIL)
Jones Dari Goeter: Universidade Federal da Grande Dourados - (UFGD - BRASIL)
Ricardo Carlos Abinzano: Universidad Autónoma de Misiones – (ARGENTINA)

RESUMOS APROVADOS

PATRIMÔNIO CULTURAL IMATERIAL LATINO-AMERICANO: O TRADICIONALISMO E A IDENTIDADE GAÚCHA (autor(es/as): **Ana Carolina Rios Gomes**)

O RAP ENTRE FRONTEIRAS: PRÁTICAS ESTÉTICO-MUSICAIS LATINO AMERICANAS (autor(es/as): Angela Maria de Souza)
REMANESCENTES DAS REDUÇÕES JESUÍTICAS DE NOSSA SENHORA LORETO E SANTO INÁCIO MINI NA PROVÍNCIA DO GUAIRÁ-1608-1639 (autor(es/as): **BERENICE SCHELBAUER DO PRADO**)

O CIRCUITO ROCKEIRO NA TRÍPLICE FRONTEIRA (autor(es/as): **Franciele Cristina Neves**)

A SOCIEDADE DE CONSUMO: ANÁLISES NA FRONTEIRA ENTRE BRASIL E PARAGUAI (autor(es/as): **Luana Caroline Künast Polon**)

Cortando a cerca: uma escola do campo frente a multiculturalidade contemporânea (autor(es/as): **Lydia Maria Assis Brasil Valentini**)

Movimento Hip-Hop como manifestação cultural: Uma análise do léxico de letras de rap em Foz do Iguaçu. (autor(es/as): **RONALDO SILVA**)

INTEGRALIZAÇÃO LATINOAMERICANA: AFIRMAÇÃO CULTURAL OU JOGADA IMPERALISTA? (autor(es/as): **Victor Alves Pereira**)

Sankofá- Abaeté: Construindo diretrizes, resgatando nossas raízes (autor(es/as): **Vilisa Rudenco Gomes**)

SAÚDE SEM FRONTEIRAS - REDE BINACIONAL DE SAÚDE NA FRONTEIRA BRASIL-URUGUAI (autor(es/as): **Daniela da Rosa Curcio et alii.**)

MR4.2. Apropriação, Usos do Território e Práticas Sociais Diferenciadas

EMENTA

Os trabalhos da presente mesa circunscrevem-se às pesquisas que vêm sendo desenvolvidas pelos participantes, que têm como referência diferentes sujeitos (quebradeiras de coco babaçu, quilombolas, ribeirinhos e trabalhadores rurais dentre outros) e práticas sociais, em distintos contextos. Os trabalhos explicitam diversos aspectos da problemática relativa à organização, apropriação e uso do território. O fio condutor das reflexões está referido às diferentes formas e estratégias utilizadas por esses sujeitos face às definições e redefinições recentes do território.

Coordenador: Joaquim Shiraishi Neto: Universidade estadual do Amazonas - (UEA - BRASIL)
Luís Fernando Cardoso e Cardoso: Universidade Federal do Pará - (UFPA - BRASIL)
Rosirene Martins Lima: Universidade estadual do Maranhão - (UEMA - BRASIL)
Ana Paulina Aguiar Soares: Universidade estadual do Amazonas – (UEA - BRASIL)

MEMÓRIAS DA GUERRA DO CONTESTADO- A CULTURA POPULAR ATRAVÉS DA RELIGIOSIDADE NO MONGE JOÃO MARIA DE JESUS EM MARILÂNDIADO SUL. (autor(es/as): **Bruno Augusto Florentino**)

DESENVOLVIMENTO TERRITORIAL E SUA INTERFACE NOS ASSENTAMENTOS RURAIS DO MUNICÍPIO DE ROSANA-SP (autor(es/as): **CLEDIANE NASCIMENTO SANTOS**)

REFLEXÕES ENTRE A MANUTENÇÃO DAS IDENTIFICAÇÕES RURAIS E A INFLUÊNCIA DAS MODERNIDADES NA VILA DO DISTRITO DE GUARAGI - PONTA GROSSA (PR) (autor(es/as): **FABELIS MANFRON PRETTO**)

ÍNDIOS, TAPUIOS E “CABOCOS”. CULTURAS E IDENTIDADES MARGINAIS NA MANAUS DE ONTEM E HOJE. (autor(es/as): **PAULO MARREIRO DOS SANTOS JÚNIOR**)

TOPOFILIA & TOPOFOBIA – TOPOCIDIO & TOPO-REABILITAÇÃO: A MERCANTILIZAÇÃO DA CULTURA EXPRESSA NO PATRIMÔNIO HISTÓRICO ARQUITETÔNICO E URBANÍSTICO DE DIAMANTINA-MG (autor(es/as): **RAHYAN DE CARVALHO ALVES**)

ARELAÇÃO SER HUMANO/NATUREZA – REFLEXÕES A PARTIR DE UM ESTUDO DE CASO. (autor(es/as): **ROSANA BARROSO MIRANDA**).

MR4.3. Territórios, Memórias e Identidades latino-americanas

As ciências humanas e em especial as sociais desenvolveram no século XX teorias e metodologias para compreender e explicar como se elaboraram concepções de territórios, memórias e identidades, sobretudo na produção intelectual latino-americana. Atualmente, os estudos de caráter socioambiental contribuem sobremaneira com esses avanços, especialmente se forem considerados os aportes da antropologia, da geografia cultural, da história, da psicologia social e da sociologia. Além de localizar esses avanços, é fundamental trazer para o debate os resultados das pesquisas realizadas com esses múltiplos enfoques entre as dimensões da natureza e da sociedade

Coordenação: Salete Kozel – Universidade Federal do Paraná - (UFPR – BRASIL)
Maria Geralda de Almeida: Instituto de Estudos Socioambientais da Universidade de Goiás - (IESA/UFG – BRASIL)
Álvaro Luiz Heidrich: Universidade Federal do Rio Grande do Sul – (UFRGS – BRASIL)
Sandra Valeska Fernandez Castillo: Universidad de Concepción - (CHILE)
Alicia M. Lindon Villoria: Universidad Autónoma Metropolitana - (UAM – MÉXICO)

www.cepial.org.br

15 a 20 de julho de 2012

Curitiba - Brasil

4. CULTURA E IDENTIDADE NA AMÉRICA LATINA

“OUTROS” IMAGINADOS: AS REPRESENTAÇÕES DOS CIDADÃOS LATINO-AMERICANOS SOBRE AS CIDADES PRÓXIMAS E DISTANTES (autor(es/as): **Carla Beatriz Santos Menegaz**)

100 Anos de História: Alguns Elementos Formadores da Identidade Cultural do Território do Contestado (autor(es/as): **FLAVIA ALBERTINA PACHECO LEDUR**)

Guimarães Rosa no labirinto chamado América Latina (autor(es/as): **iolanda cristina dos santos**)

Los lugares de Memoria como lugares de Aprendizaje, tres estudios de caso: Santiago de Chile y Medellín-Colombia” (autor(es/as): **Karen Andrea Vásquez Puerta**)

A FESTA KALUNGA DE NOSSA SENHORA DE APARECIDA: IDENTIDADE TERRITORIAL E REAPROXIMAÇÃO ÉTNICA (autor(es/as): **Luana Nunes Martins de Lima**)

REPRESENTAÇÕES ESPACIAIS E SIMBÓLICAS: AS IDENTIDADES DAS FESTAS DO BOI-A-SERRA NO CENTRO-OESTE BRASILEIRO (autor(es/as): **Maisa França Teixeira**)

A construção do Patrimônio Cultural a partir do imaginário da população de Marechal Cândido Rondon - PR: um estudo sobre o lugar de memória Casa Gasa (autor(es/as): **Paulo Henrique Heitor Polon**)

A INFLUÊNCIA DO TURISMO NA VALORIZAÇÃO DA IDENTIDADE CULTURAL: O CASO DE SÃO LUÍS DO MARANHÃO (autor(es/as): **Saulo Ribeiro dos Santos**)

IDENTIDADE E FÉ NOS ASSENTAMENTOS RURAIS DE SERGIPE (autor(es/as): **Solimar Guindo Messi as Bonjardim**)

MR4.4. Espaço, gênero e sexualidades na América Latina

EMENTA

A mesa redonda tem como objetivo realizar uma reflexão sobre as relações de gênero que envolvem o processo de organização social, econômica e cultural dos territórios da América Latina, evidenciando as hierarquias e desigualdades baseadas nos papéis sociais insituídos para homens e mulheres.

Coordenadora: Joseli Maria Silva - Universidade Estadual de Ponta Grossa – (UEPG - BRASIL)

Marlene Tamanini: Universidade Federal do Paraná – (UFPR - BRASIL)

Diana Lan: Universidad Nacional del Centro – (UNC - ARGENTINA)

Maria das Graças Silva Nascimento Silva: Universidade Federal de Rondônia – (UFR – BRASIL)

RESUMOS APROVADOS

A MARCHA MUNDIAL DAS MULHERES E A CULTURA DOS MOVIMENTOS SOCIAIS CONTEMPORÂNEOS (autor(es/as): **ALEXANDRA PINGRET**)

PELOTÓN MARIANA GRAJALES: O OLHAR DA REVISTA MUJERES NO ANO DE 1971 (autor(es/as): **Andréa Mazurok Schactae**)

NA ARGENTINA TANGOS, NO BRASIL TRAGÉDIAS! LÁ MATRIMONIO IGUALITÁRIO, AQUI UNIÃO CIVIL (autor(es/as): **CHRISTOPHER SMITH BIGNARDI NEVES**)

ECONOMIA SOLIDÁRIA, RELAÇÕES DE GÊNERO E COLETADORES DE MATERIAL RECICLÁVEL: LIMITES E AVANÇOS (autor(es/as): **Edinara Terezinha de Andrade**)

As mulheres do tráfico e a violência de gênero (autor(es/as): **Fernanda Pereira Luz**)

ARTICULAÇÕES EM REDE NA AMÉRICA LATINA: O CASO DE CDDLA E “CATÓLICAS PELO DIREITO DE DECIDIR” NO BRASIL (autor(es/as): **Francine Magalhães Brites**)

OS SUJEITOS NA MARGEM DA CULTURA - CONFLITOS NOS ESPAÇOS EDUCACIONAIS LATINO AMERICANOS (autor(es/as): **Gustavo Luiz Ferreira Santos**)

Habilidades Sociais e Sexualidade: A construção Identitária na Adolescência (autor(es/as): **Priscilla de Castro Campos Leitner**)

AS UNIÕES HOMOAFETIVAS CONFORME O BLOCO DE CONSTITUCIONALIDADE E UMA PROTEÇÃO NORMATIVA GLOBAL: GARANTINDO DIREITOS HUMANOS (autor(es/as): **Rafael da Silva Santiago**)

POLÍTICAS PÚBLICAS DE INCLUSÃO E PERMANÊNCIA DE LGBT NAS ESCOLAS PÚBLICAS DO ESTADO DO PARANÁ: UMA REFLEXÃO SOBRE SUAS APLICABILIDADES NO CONTEXTO DA EJA E PROEJA (autor(es/as): **Reinaldo Kovalski de Araujo**)

O MEDO NA CONSTRUÇÃO DAS REPRESENTAÇÕES SOCIAIS DE ADOLESCENTES DO SEXO MASCULINO DA PERIFERIA DE DIFERENTES ÁREAS URBANAS DE PONTA GROSSA, PR (autor(es/as): **RENATO PEREIRA**)

MR4.5. Sociedades Tradicionais: imagens, tempo, espaço e saberes sobre a natureza

EMENTA

Em sua interação com a natureza, com distintas conformações, as chamadas “sociedades tradicionais” ou as sociedades originárias, constroem, historicamente, em seu universo mental, imaginário e práticas ecoprodutivas, uma cultura própria que envolve o conhecimento e respeito aos ciclos e movimentos naturais, atribuindo significado à sua vida material e imaterial – aos espaços ou territórios de que fazem parte. Isso envolve ritmos de tempo diferenciados dos ritmos caracteristicamente produtivistas que regem as sociedades urbano-industriais, os quais se pautam, fundamentalmente, numa temporalidade cronometrada e aritmetizada – no tempo da fábrica. Contrapor essas diferentes culturas, em sua lógica própria, focalizando, particularmente, as imagens, ritmos temporais, territorialidades e saberes patrimoniais das “sociedades tradicionais” e/ou originárias, significa pensarmos numa política de futuro na qual se inscreva o grande legado que tais sociedades detêm no trato com a natureza, com base em sua cosmovisão, práticas e expressões culturais próprias, para a construção de novas formas societárias, numa síntese histórica, de futuros inéditos.

Coordenadora: Lúcia Helena de Oliveira Cunha: Universidade Federal do Paraná (UFPR – BRASIL)

Carlos Galano: Universidad Nacional de Rosario - (UNR- ARGENTINA)

Carlos Walter Porto Gonçalves: Universidade Estadual do Rio de Janeiro - (UERJ- BRASIL)

Liliana Porto: Universidade Federal do Paraná - (UFPR-BRASIL)

Arturo Argueta: Universidad Nacional Autónoma de México - (UNAM-MÉXICO)

www.cepial.org.br

15 a 20 de julho de 2012

Curitiba - Brasil

RESUMOS APROVADOS

MULTICULTURALISMO, TURISMO E COMUNIDADES TRADICIONAIS: CAMPOS DE COEXISTÊNCIA E VIVENCIALIDADE? (autor(es/as): **Isabel Jurema Grimm**)

Seringueiros do Acre - Imaginário e Paisagem Cultural (autor(es/as): Janaína Mourão Freire).

AS PAISAGENS CULTURAIS DO/NO ESPAÇO FESTIVO DA COMUNIDADE ENGENHO II EM CAVALCANTE – GOIÁS: UM OLHAR À LUZ DA GEOGRAFIA CULTURAL (autor(es/as): **JORGEANNY DE FATIMA RODRIGUES MOREIRA**)
RECONHECIMENTO DAS ICCAS (ÁREAS CONSERVADAS POR COMUNIDADES INDÍGENAS E LOCAIS) NAS POLÍTICAS DE CONSERVAÇÃO AMBIENTAL: DISCUSSÕES ATUAIS. (autor(es/as): **Luciene Cristina Risso**)

MR4.6. História e Literatura na América Latina

EMENTA

Na produção historiográfica recente, a literatura vem surgindo como uma fonte que oferece importantes recursos de análise da sociedade. Incorporada solidamente no conjunto de inovações de fontes, métodos e problemáticas que há algumas décadas transformaram a experiência da pesquisa histórica, a literatura está presente hoje numa pluralidade de estudos que pretendem compreender o intrincado universo das experiências mais subjetivas de homens e mulheres. Na América Latina a literatura tem ocupado importante papel no movimento da sociedade. Seja ela abordada desde o ponto de vista da materialidade do livro, da localização social do escritor, de suas “redes de interlocução”, bem como numa análise dos significados do texto, das representações da realidade que ele traz. Pensar a América Latina desde o ponto de vista dessa relação é a reflexão central que norteia o debate aqui proposto

Coordenadora: Ana Amélia de Moura C. de Melo: Universidade Federal do Ceará (UFC - BRASIL)

Tracy Devine Guzman: Duke University of Miami – (ESTADOS UNIDOS DA AMÉRICA)

Soledad Falabella Luco: Universidad Diego Portales – (UDP - CHILE)

Adelaide Maria Gonçalves Pereira: Universidade Federal do Ceará – (UFC - BRASIL)

Ivone Cordeiro Barbosa: Universidade Federal do Ceará – (UFC - BRASIL)

RESUMOS APROVADOS

Cartas de Nova York - José Martí Correspondente (autor(es/as): **Amanda Leite de Sampaio**)

O TURISTA APRENDIZ, DE MÁRIO DE ANDRADE VERSUS EL ZORRO DE ARRIBA Y EL ZORRO DE ABAJO, DE JOSÉ MARIA ARGUEDAS – UMA APROXIMAÇÃO LITERÁRIA E SOCIOLÓGICA NO PANORAMA LATINO AMERICANO (autor(es/as): **CRISTIANO MELLO DE OLIVEIRA**)

O espaço da ficção na identidade em invenção e memória, de Lygia Fagundes Telles (autor(es/as): **Fernando de Moraes Gebra**)

Jorge Luis Borges e o Populismo Argentino (1946-1955) (autor(es/as): **Fernando de Moraes Gebra**)

Bahia 1860: o Brasil de Maximiliano (autor(es/as): **Flávia Silvestre Oliveira**)

OS INTELLECTUAIS E A NOVA ATENAS: Um estudo das representações nas obras dos literatos maranhenses no início da Primeira República (autor(es/as): **PATRICIA RAQUEL LOBATO DURANS**)

MR4.7. - Interculturalidade, Identidades e Arte Latinoamericana.

EMENTA

A mesa propõe-se a discutir as questões anunciadas, do ponto de vista da crítica de arte e dos artistas, aqui representados por Hector Guido (teatro) e Pavel Egúez (artes plásticas). A partir do enfoque das políticas de subjetivação e suas interfaces (Suely Rolnik) e da interculturalidade que se acentua na resistência da arte em tempos globais, observada, sobretudo, nas zonas transitórias (Ticio Escobar), quer desencadear o debate sobre os recursos críticos e expressivos que se manifestam na arte atual da nossa América, frente ao “esteticismo brando” regido pelos mercados globais, que desvia o capital simbólico e gera territórios homogeneizados

Coordenadora: Mariza Bertoli – Universidade de São Paulo – (USP – BRASIL)

Maria José Justino: Escola de Música e Belas Artes do Paraná - (EMBAP-PR - BRASIL)

Ticio Escobar: Ministro da Cultura do Paraguai - (PARAGUAY)

Hector Guido: Diretor de Cultura de Montevideú - (URUGUAI)

Gustavo Pavel Egúez: Artista Plástico - (EQUADOR)

RESUMOS APROVADOS

Entre balas e belas - Comunicação e Moda nas favelas cariocas (autor(es/as): **Alexandra Santo Anastacio**)

PAISAGENS CULTURAIS E FRONTEIRAS (autor(es/as): **Beatriz Helena Furlanetto**)

INDÍGENAS: ENTRE REPRESENTAÇÕES E DISCURSOS (autor(es/as): **Eder Augusto Gurski**)

DE LA CULTURA ORAL A LA DIGITAL: SABERES, MEMORIAS Y NARRATIVAS EN LA TRANSCULTURA. PERSPECTIVAS DESDE LA UNIVERSIDAD INDÍGENA DE VENEZUELA (autor(es/as): **Fabiana Anciutti Orreda**)

O ATOR E O GRUPO: DISCURSOS SOBRE O TEATRO FEITO NA UNIVERSIDADE (autor(es/as): **JEAN CARLOS GONÇALVES**)

FESTAS POPULARES E SUAS REPRESENTAÇÕES IMAGÉTICAS: LUGAR DE PROMOÇÃO DO PERTENCIMENTO E VALORIZAÇÃO DAS CULTURAS SUBALTERNAS. (autor(es/as): **Katia Maria Roberto de Oliveira Kodama**)

ASPECTOS DA ECONOMIA CRIATIVA NO MERCOSUL A Indústria Fonográfica como fator de aproximação entre Brasil e Argentina (2003 – 2011) (autor(es/as): **marcello de souza Freitas**)

SUSTENTABILIDADE CULTURAL: MANUTENÇÃO, CONSERVAÇÃO E DIFUSÃO DE PEQUENOS ACERVOS - RELATO DE EXPERIÊNCIA

(autor(es/as): **Rafael Schultz Myczkowski**)

FALA JUVENTUDE! UM ESTUDO SOBRE AS RELAÇÕES ENTRE JUVENTUDE, CULTURA E LAZER (autor(es/as): Sandra Rangel de Souza)

O Autorretrato Ampliado (autor(es/as): **Terezinha Pacheco dos Santos Lima**)

www.cepial.org.br

15 a 20 de julho de 2012

Curitiba - Brasil



JORGE LUIS BORGES E O POPULISMO ARGENTINO (1946 – 1955)

Paulo Alves Pereira Júnior ¹ - Unila – magal_pf@yahoo.com.br
Dr. Fernando de Moraes Gebra ² - Unila – fernandogebra@yahoo.fr

Resumo: Conhecido por suas obras que apresentam vinculações com os movimentos de vanguarda e temáticas de identidades culturais, Jorge Luis Borges (1899-1986) também escreveu contos com estruturas onde se percebem elementos políticos e sociais relacionados ao peronismo. Ainda que o escritor tenha negado essas características em entrevistas, consideramos que em seus contos aparecem marcas de um discurso que propõe outros pontos de vista sobre os períodos autoritários da história argentina passada (o rosismo) e do presente da enunciação dos textos examinados (o peronismo). O presente trabalho relaciona os contos “El fin” e “La fiesta del Monstruo”, esse último escrito junto com Adolfo Bioy Casares com o pseudônimo de H. Bustos Domecq, com a posição política de Borges.

Palavras – chave: Borges; peronismo; gauchesca; conto argentino.

Introdução

Jorge Luis Borges nasceu em 1899, em Buenos Aires, e morreu em 1986, em Genebra. Destacou-se na publicação de contos, poemas e ensaios. Quando menino, foi para a Europa, retornou em 1921, e começou a publicar suas obras em revistas, fortemente influenciado pelas vanguardas europeias, especialmente o Ultraísmo. Ao chegar a Buenos Aires, deparou-se com uma cidade cosmopolita, urbanizada e com forte presença de imigrantes. Sua poesia, nesse período, marcada por obras como *Fervor de Buenos Aires* e *Cuaderno San Martín*, propõe a representação de uma Buenos Aires ancorada nas tradições hispano-criollas. É como se o poeta percebesse, na Buenos Aires cosmopolita, outra Buenos Aires, a da sua infância, marcada por uma tradição gaúcha. Os mitos pátrios da infância, da vida dos subúrbios como extensão do pampa, são projetados na produção literária de Borges na década de 1920, em que se destacam, além das obras poéticas citadas, os ensaios *El idioma de los argentinos* e *Evaristo Carriego*.

Tanto em seus ensaios como em contos com estruturas reflexivas que os aproximariam do gênero ensaístico, Borges procura averiguar todas as possibilidades de uma determinada questão filosófica, tal como um labirinto (imagem borgeana por excelência). Seus contos costumam fornecer várias possibilidades de leitura. A partir da concepção enunciada por Piglia, em suas “Teses sobre o conto” (1994), de que um conto



(e aqui o autor se refere principalmente ao conto borgeano) conta sempre duas histórias. Há uma explícita e outra implícita, que deixa marcas na primeira história e se revela no final da narrativa.

Estuda-se muito a obra de Borges pelo viés metafísico e até mesmo do fantástico, porém, o presente estudo, sem desvincular essas duas vertentes da obra do escritor argentino, ressalta os aspectos políticos e sociais como formadores da estrutura interna de alguns dos seus textos. Já que Borges concebe a realidade vista de vários ângulos, é mister considerarmos também os aspectos sociais presentes na elaboração de suas histórias e de suas personagens.

Borges se resistió siempre a un uso político de la literatura. Sin embargo, en la trama de algunos relatos se teje, oculta por el esplendor de los mundos imaginários, una pregunta sobre el orden. Cuentos que, según todas las reglas, pertenecen a la más pura tradición de la literatura fantástica, examinan las condiciones de existencia de una sociedad y presentan, en situación narrativa, organizaciones institucionales fundadas en la opacidad del poder, en la arbitrariedad o en el despotismo. La cuestión del buen orden es examinada muchas veces por Borges, así como la lógica de un mundo donde prevalece el desorden cuando el principio de la ley está oculto o ausente [...] (Sarlo, 2007, p.131).

No presente trabalho, evidenciaremos também estruturas políticas e sociais, referentes, sobretudo ao populismo argentino, conhecido como peronismo, por ter sido centrado em uma política personalista de um líder popular chamado Juan Domingo Perón. No estudo, relacionaremos os contos “El fin” e “La fiesta del Monstruo”, este último escrito em coautoria com Adolfo Bioy Casares, com a posição política de Borges, pensando, por exemplo, na relação da identidade gaúcha e da questão das massas, relacionando o gaúcho com as populações do interior do país que migraram em massa para Buenos Aires e arredores em meados do século XX.

Nossa proposta de análise dos contos borgeanos segue as orientações metodológicas de Antonio Candido, presentes no ensaio “Crítica e sociologia”, que propõe uma “interpretação dialeticamente íntegra” (1973, p.4), na qual os elementos externos (sociais, políticos, filosóficos, psicológicos, etc.) são incorporados na estrutura interna do texto, fazendo parte, juntamente com os recursos expressivos, da sua economia interna, na fusão de texto e contexto. Para Candido, no que concerne aos elementos biográficos do autor, somente podem ser utilizados quando o texto os requeira, ou seja, quando seja realmente indispensável para esclarecer lacunas interpretativas. No caso da posição ideológica anti-peronista de Borges, ensaios e entrevistas do autor também serão



considerados no processo de análise dos contos, à medida que fornecem importantes elementos para a compreensão de sua visão de mundo.

Considerando os pressupostos teórico-metodológicos de Antonio Candido sobre a relação necessária entre texto e contexto, o artigo divide-se basicamente em quatro seções. Na primeira, faremos uma breve história do governo de Juan Perón. Na segunda, será apresentada a relação existente entre Borges e o peronismo. Na terceira, faremos uma breve discussão sobre a relação entre literatura e história. Na quarta, serão analisados os dois contos. E, enfim, faremos as considerações finais, como fechamento do trabalho, entendendo a literatura como um discurso que permite a representação de pontos de vista sociais.

1. O governo de Juan Domingo Perón (1946 – 1955)

A Argentina nos primeiros anos da década de 1940 vivia uma situação política instável. Em 1943, com o país neutro na Segunda Guerra e com os Estados Unidos pressionando pelo apoio aos Aliados, alguns militares simpatizantes do Eixo (em especial à ideologia nazi-fascista) deram um golpe de Estado com a intenção de acabar com o comunismo, com a instabilidade política e com as manifestações sociais.

Juan Domingo Perón era um dos militares que apoiaram o golpe. Durante o regime militar de 1943, Perón assumiu a Secretaria do Trabalho, implantando muitas medidas sociais e trabalhistas, conquistando o apoio dos trabalhadores e a aproximação com líderes sindicalistas. Aproximando-se dos trabalhadores e implantando direitos trabalhistas, Perón resolveu um problema que preocupava o governo e as elites argentinas durante anos.

Após a Segunda Guerra, com a derrota do eixo, os países Aliados, com destaque para os Estados Unidos, aumentaram as pressões para o fim da ditadura e a redemocratização no país. Perón renunciou a todos os cargos que havia acumulado, devido aos constantes protestos, e foi preso pelo regime. No dia 17 de outubro de 1945, milhares de trabalhadores saíram às ruas da capital argentina para pedir a libertação de Perón, pressionando o governo que liberou Perón e convocou eleições.

Perón se candidatou e, em 1946, venceu as eleições. No seu primeiro mandato, nacionalizou as ferrovias e empresas de energia elétrica e de gás. Sua mulher, Eva Perón, criou, em 1948, uma fundação de assistência social que leva seu nome. As relações entre a Igreja e o governo começam a estremecer, devido ao culto à figura do presidente e da primeira-dama e a atuação de Evita na assistência social do país. O



governo criou, em 1949, uma reforma constitucional onde foram consolidadas medidas sociais e trabalhistas e a nacionalização de recursos naturais.

No dia 11 de novembro de 1951, Juan Domingo Perón foi reeleito presidente da Argentina para mais um mandato de seis anos. Com mais de três milhões de votos, Perón obteve vitória em todas as províncias. Na Província de Buenos Aires, venceu com mais de 800 mil votos. Seu principal adversário foi Ricardo Balbín, da União Cívica Radical, que esteve preso duas vezes por desacatar Perón. O peronismo, por ter implantado medidas sociais e trabalhistas, conseguiu um sucesso esmagador. No Congresso Nacional, a maioria era do Partido Peronista.

Um fator de destaque nessa eleição foi a figura da mulher na sociedade argentina. Durante o primeiro governo de Perón (1946-1952), iniciou-se uma campanha pelo voto feminino, liderado por Eva Perón e seu recém Partido Peronista Feminino. Com essa atitude, Evita esperava receber apoio primordial para concorrer como vice-presidente, porém as oposições dos militares mudaram seus planos. Na eleição de 1951, as mulheres argentinas votaram pela primeira vez.

Com seu discurso nacionalista, Perón continuava estatizando empresas multinacionais (empresas telefônicas, petrolíferas e companhias elétricas), fornecendo direitos trabalhistas (férias remuneradas, aposentadoria, seguro médico) e promovendo um crescimento considerável da indústria argentina. Porém, a inflação aumentava e os investidores se sentiam inseguros quanto a aplicar seus capitais. Essa crise colaborou para uma revisão de seu governo e de seu legado para a sociedade argentina. Greves e conflitos sociais tiveram um grande destaque em seu governo.

O principal desequilíbrio do segundo mandato de Perón foi a morte de sua mulher, Evita, vítima de um câncer uterino. Eva Perón, ao construir um discurso que convertia o estigma das populações marginalizadas (os “cabecitas negras” e os “descamisados”) em um emblema peronista, era apontada por muitos como a alma da “revolução trabalhadora” na Argentina. Após o golpe de Estado que depôs o presidente argentino, os militares sequestraram o seu corpo embalsamado, depositado na CGT (Confederação Geral do Trabalho) e só em 1971 foi encontrado enterrado na Itália. Enviado a Madri, cidade em que Perón residia exilado, retornou em seguida às terras argentinas.

No ano de 1955, Perón decretava a separação de Igreja e Estado. Segundo Maria Ligia Prado, a Igreja não via com bons olhos o excesso de atenção que o governo prestava ao proletariado. O ensino religioso deixa de existir nas escolas. Além disso, a santificação popular de Eva Perón, o controle das ações de assistência social pelo peronismo, a tolerância do governo com o crescimento protestante e a fundação do



Partido Democrata Cristão ajudaram o rompimento do Estado com a Igreja. Em contrapartida, o peronismo acusava o clero de boicotar sua proposta revolucionária. O governo via no rompimento uma forma de mobilizar sua base social. Com isso, o governo começa a perder apoio, tendo como um novo inimigo político a própria Igreja Católica. Na procissão de *Corpus Christi*, em 1955, a oposição reuniu milhares de pessoas solidárias com a Igreja.

Em 15 de julho, a aviação naval bombardeou a sede do governo na tentativa de acabar com o regime. As correntes revolucionárias ligadas ao peronismo reagiram. Alguns responderam incendiando igrejas. Os militares deixaram de apoiar Perón e, em setembro, insatisfeitos com o rumo que o governo seguia, criaram um levante militar, liderado pelo futuro presidente, General Lonardi, que avançava de Córdoba a Buenos Aires com o propósito de depor o presidente. Em 22 de setembro, Perón renunciou à presidência e se exilou na Espanha. Eduardo Lonardi assumiu o governo através de um golpe de Estado.

Mesmo exilado, Perón influenciava a vida política na Argentina. Regressou ao país em 1973, se candidatou novamente à presidência e venceu. Seu novo governo foi curto. Faleceu em 1974, deixando o governo nas mãos de sua esposa, Isabel Perón, e mitificado pelo povo argentino.

2. Borges e o peronismo

Na maioria de suas declarações, Borges negava que sua obra tivesse estruturas políticas e sociais. Em um artigo publicado por Borges no jornal *La Nación* no ano de 1971, intitulado “Leyenda y realidad”, o escritor diz que não tem interesse na política e que não lia jornais: “A mí no me interesa la política. Nunca me ha interesado. La verdad es que ni siquiera leo los periódicos. No tengo tiempo. Y aunque lo tuviera no me interesan.”. Apesar de não declarar que se interessava por política, em muitos de seus contos há uma estrutura política e social.

Durante o peronismo na Argentina, Borges se transformou em um anti-peronista ferrenho e expressou abertamente seu repúdio ao governo, apesar de se considerar apolítico:

En realidad, Borges era apolítico. Era antiperonista porque le escandalizaba la vulgaridad vociferante del peronismo. Nunca pensó en el pueblo, silenciado por una clase alta vanidosa y tonta, dedicada a admirarse a sí misma; nunca pensó que el pueblo no había tenido posibilidad de elegir su expresión: el peronismo estaba ahí y no había nada que lo reemplazara (Canto, 1999, p.47).



Em 1946, Borges trabalhava como auxiliar na Biblioteca Miguel Cainé, porém devido a suas críticas ácidas, foi transferido para o posto de inspetor de aves e ovos no Mercado de Abasto de Buenos Aires. Diante dessa humilhação, foi forçado a renunciar seu cargo público. Em uma declaração à revista *Siete Días*, em 1974, o escritor confirma o ocorrido: “A mí me echaron de un puesto mínimo que ocupaba en una biblioteca del barrio de Almayo e me nombraron inspector de aves e huevos.”. Além de perder o emprego, o escritor também sofreu outras consequências, como a prisão de sua irmã e de sua mãe e as ameaças constantes:

Una de las consecuencias que sufrió Borges, y en este caso su familia, fue el arresto, en septiembre de 1948, de su madre, Leonor Acevedo de Borges, y de su hermana Norah, en un extraño episodio donde fueron detenidas por entonar el Himno Nacional Argentino en la vía pública sin autorización. Permanecieron detenidas durante un mes, Leonor, de 72 años, con arresto domiciliario por ser anciana, mientras que Norah fue encarcelada en la prisión para prostitutas. Durante ese tiempo recibieron presiones para confeccionar una nota donde se le pidiera ayuda a Evita, para poder de ese modo demostrar la gentileza del gobierno peronista. [...] En una oportunidad, Borges, encolerizado, ya cansado de las llamadas anónimas que lo insultaban y lo amenazaban de muerte, contestó ante la voz sombría: “Mire, yo vivo en la calle Maipú 994, en el sexto piso, en la puerta hay una chapa que dice “Borges”: usted no se puede equivocar. Casi siempre estoy en casa y cuando tocan el timbre, suelo abrir yo mismo la puerta; matarme es bastante fácil. Si usted lo hace, me favorece. Nada hay que favorezca más a un escritor o a un artista que una muerte violenta; Lugones y Gardel son una prueba de lo que digo. Venga nomás, no pierda más tiempo, lo estoy esperando”. Las llamadas cesaron aunque la situación de Borges siguió siendo incómoda hasta que Perón dejó de gobernar (Berstein, 2011, p.73-74).

Em 1955, o escritor apoiou a Revolução Libertadora que derrubou Perón. Com a queda do presidente, Borges tornou-se diretor da Biblioteca Nacional e professor da Universidad de Buenos Aires. Perón retornou do exílio em 1973 e se candidatou à eleição novamente. Diante desse fato, Borges voltou a fazer suas declarações contrárias ao governo, agora através dos meios de comunicação, já que desfrutava de fama internacional. Em 1974, Perón falece e Isabel Perón, a vice-presidente, assumiu o cargo.

Borges apoiou, em 1976, o golpe de Estado liderado pelo general Jorge Rafael Videla. Apesar dessa posição, Borges mais tarde tomou ciência dos horrores cometidos pelo terrorismo de Estado. Em uma reunião com Videla, o escritor cobrou explicações sobre os desaparecidos políticos. Em 1982, criticou duramente a Guerra das Malvinas, onde afirmou que o conflito foi uma atitude absurda com o propósito de distrair a atenção da população aos verdadeiros problemas do país. Logo após o fim do regime, Borges declarou que havia se arrependido em apoiar um governo militar na Argentina.

Em entrevista para a jornalista Gloria López Lecube (a pedido da emissora *La Isla FM*), no ano de 1985, Borges, já no final de sua vida, comenta várias questões, como a



sua relação com a morte, com as Mães da Praça de Maio, com a política argentina e com o peronismo. Acerca deste último tema, quando questionado pela jornalista de que vinha perdendo o período peronista nos últimos anos, Borges diz que não perdoou, mas esqueceu. Segundo o autor, o esquecimento é o único perdão e, ao mesmo tempo, uma vingança, um castigo. Se o outro é lembrado, torno seu escravo, se passo a esquecê-lo, não. Diferente do seu personagem Funes, Borges esquece seus traumas, pois o esquecimento é necessário para continuar vivendo. O perdão e a vingança são duas designações distintas, mas de um mesmo significado. Assim finaliza Borges, ao comentar, pela última vez, sua relação com o peronismo.

3. Literatura e História como discursos

Assim como os elementos sociais, políticos, econômicos, filosóficos e religiosos podem ser incorporados na estrutura interna do texto, tal como propõe Antonio Candido em *Crítica e sociologia*, os aspectos históricos também podem constituir a estrutura da obra literária. A tendência historiográfica em vigor no século XIX e nas primeiras décadas do século XX, tendo como base um discurso positivista, costumava atribuir à História o valor de verdade e à literatura o caráter ficcional e de invenção. O positivismo entendia a História a partir do viés do progresso, em que as sociedades primitivas deram origem às civilizadas, tal como propõe o darwinismo social de Spencer, ou ainda, de que a História caminha em uma linha reta rumo ao progresso. Concebe-se, assim, a História monumental, dos grandes acontecimentos, ancorada em documentos escritos.

A partir dos filósofos que começam a problematizar as noções desse sujeito moderno, que tem no positivismo sua religião e sentido, a História passa a ser revista. Com o marxismo e sua noção de luta de classes e com a dialética hegeliana, começa-se a pensar a História não apenas de forma linear, pois se verificam estruturas recorrentes em vários sistemas de produção. A história evolui dialeticamente para Marx. Nessa característica, ele é semelhante a Hegel. A dialética marxista é substancialmente diferente, pelo seu materialismo. A expressão mais plena da dialética marxista é a luta de classes, que é o “motor” da história. O conflito das classes leva ao progresso da história, ao seu desenvolvimento. Concebe ainda a história como multifacetada e não unilinear. Para Marx, a história é entendida de muitas formas, aqui está presente a ideia de classes, que formam a sociedade, e não segue um curso unilinear e evolutivo. Argumenta Marx sobre sua concepção de história em *O Dezoito de Brumário de Luiz Bonaparte*:



Os homens fazem sua própria história, mas não a fazem como querem; não a fazem sob circunstâncias de sua escolha e sim sob aquelas com que se defrontam diretamente, ligadas e transmitidas pelo passado. A tradição de todas as gerações mortas oprime como um pesadelo o cérebro dos vivos. E justamente quando parecem empenhados em revolucionar-se a si e às coisas, em criar algo que jamais existiu, precisamente nesses períodos de crise revolucionária, os homens conjuram ansiosamente em seu auxílio os espíritos do passado, tomando-lhes emprestado os nomes, os gritos de guerra, as roupagens, a fim de apresentar a nova cena da história do mundo nesse disfarce tradicional e nessa linguagem emprestada. (MARX, s./d., p. 203).

Segundo Marx, a sociedade política deveria ser a expressão da sociedade civil, isto é, das relações de produção que nela se instalam. Assim, critica os traços fundamentais da filosofia do direito de Hegel.

Anteriormente ao surgimento de escritos que problematizam a História como discurso, destacamos a proposta do filósofo alemão Friedrich Nietzsche, principalmente o ensaio “De la utilidad y de los inconvenientes de los estudios históricos para la vida”, publicado no livro *Considerações Intempestivas* (1873 a 1876), em que se discutem três abordagens historiográficas: a história monumental, a história antiquário e a história crítica. Segundo Roxana Kreimer, em seu ensaio “Nietzsche, autor de ‘Funes el memorioso’: crítica al saber residual de la modernidad”, Borges teria se inspirado no texto de Nietzsche. Nesse texto, o filósofo debate a relação entre a memória e a história ao imaginar um homem que não poderia esquecer.

No conto de Borges, Irineo Funes, após cair de um cavalo perde os movimentos das pernas e passa a lembrar de tudo. Sua memória é tão detalhada que chega a gastar um dia para relembrar o dia anterior. No final, o protagonista morre de uma congestão pulmonar, ou seja, morre sufocado por suas memórias. Borges, ao escrever esse conto, estaria criticando a modernidade e a história tradicional através da obra do filósofo alemão:

En De la utilidad y de los inconvenientes de los estudios históricos para la vida Nietzsche traza un cuadro de la modernidad en analogía con el abatimiento que padece un individuo incapaz de pensar; Funes “el memorioso” es quien encarna esta parábola sobre los saberes residuales de la modernidad, sobre el conocimiento que se ha desvinculado por completo de la experiencia directa de la vida. Funes es “el solitario y lúcido espectador de ese mundo multiforme, instantáneo y casi intolerablemente preciso”. El anonadamiento que Nietzsche refiere a la memoria de Occidente en su conjunto, Borges lo circunscribe, tal como sugiere la misma analogía de Nietzsche, al anonadamiento de un individuo sofocado por la vana memoria de los detalles baladíes (Kreimer, 2000).

Assim, Borges estaria criticando a história decorada, onde há a necessidade de saber informações ao invés de questionar as ações da sociedade, do papel dos grandes líderes e da omissão das minorias. A partir dessas questões, Nietzsche divide a história



em três: história antiquário, história monumental e história crítica. A história antiquário apresenta a conservação dos relatos do passado; a história monumental, a trajetória de grandes civilizações e de grandes líderes com o propósito de inspirar outras sociedades e homens; e a história crítica apresenta um questionamento do passado:

La historia anticuario conserva y venera, hace posible que la historia de una ciudad se convierta en la propia historia y permite “sentir y presentir a través de las cosas”. Mientras la utilidad de la historia anticuario es la de conservar testimonios de la vida del pasado, la de la historia monumental encuentra en la ejemplaridad un impulso para el cambio. [...]

En tercer lugar Nietzsche postula la necesidad de una historia crítica, la historia de quien, angustiado por el presente, “quiere desembarazarse de la carga” y por consiguiente “juzga y condena” (Kreimer, 2000).

Além disso, sendo Nietzsche um crítico da modernidade, Borges também é crítico desse racionalismo. A modernidade foi construída através das relações de poder, das narrativas a partir de um fato histórico que determinava a história de um tempo e lugar. Conceitos como “civilização”, “barbárie”, “razão” e “progresso” apareceram nesse período. “A modernidade buscou, na história, as leis de evolução humana, evolução civilizatória. Leis que ajudariam a prever o telos para a humanidade” (Albuquerque Júnior, 2006, p.10). Ocupando o imaginário dos séculos XIX e XX, a modernidade se rompe após a Segunda Grande Guerra, onde foi possível perceber que a razão e o progresso do positivismo fracassaram. A partir desse momento, surge a pós-modernidade, que se separa do racionalismo e se apropria da arte, mudando assim toda uma maneira de escrever e narrar a história, ligada aos grupos. “A pós-modernidade, ao romper com o cientificismo e o racionalismo moderno, instaura um novo paradigma calcado nas artes.” (Albuquerque Júnior, 2006, p.12).

A Nova História parece dialogar, nesse sentido, com as concepções nietzscheanas expostas no ensaio comentado, pois propõe uma releitura da História, agora vista de baixo, dos que construíram os grandes monumentos. A História deixa de ter uma preocupação exclusivista com os vencedores, mas se preocupa também com os vencidos, com os que não tiveram vez nem voz no processo político, considerando não apenas documentos oficiais, como também elementos das tradições orais:

[...] uma última astúcia da história aparece – os vencidos, em lugar de uma verdadeira história, formam uma “tradição como meio de recusa”. Uma história lenta dos vencidos é também uma forma de oposição, de resistência à história rápida dos vencedores. E paradoxalmente, “na medida em que os estilhaços da antiga civilização Inca atravessaram os séculos até os nossos dias, podemos dizer que mesmo este tipo de revolta, esta práxis impossível triunfou de certo modo”. Dupla lição para o historiador: por um lado, a tradição é com certeza história e, mesmo que transporte os despojos de um passado longínquo, ela é uma



construção histórica relativamente recente, uma reação a um traumatismo político ou cultural e, na maior parte dos casos, aos dois simultaneamente; por outro lado, esta história lenta que encontramos na cultura "popular" é, com efeito, uma espécie de anti-história, na medida em que se opõe à história ostentatória e animada dos dominadores. (Le Goff, 1990, p.70)

Le Goff também afirma que os responsáveis por essa tradição oral, que tem como objetivo resgatar a memória dos vencidos são os “homens-memória”:

A memória dos vencidos vem resgatada pela tradição oral, por meio dos “homens-memória” que, nas palavras de Le Goff, são uma espécie de guardiões da memória coletiva, responsáveis por transmitir a história numa sociedade sem escrita. (Ferreira; Nascimento, 2010, p.1).

Nesse sentido, o novo romance histórico problematiza a História, considerando-a um discurso, construto humano e, tal como a Literatura, teria pretensão à verdade. “É interessante verificar como Literatura e História têm esse cuidado com o lembrar, na tentativa de reconstruir outro passado que acaba por escapar e resguardar alguma coisa da morte dentro da frágil existência humana” (Ferreira Silva, 2009, p.24).

4. “El fin” e a barbárie em tempos de Rosas

Em entrevista à revista *Siete Días*, no ano de 1974, Borges comparou as medidas políticas adotadas por Juan Domingo Perón com as do governador da Província de Buenos Aires do século XIX, Juan Manuel de Rosas:

Las persecuciones eran un hecho indudable, junto con el soborno: obligaban a la gente a que se afiliara al partido peronista para darles trabajo. Fue una especie de segundo Rosas, otra calamidad. [...] Yo pienso en Perón con horror, como pienso en Rosas con horror.

Nessa declaração, fica explícita a relação que Borges estabelece entre a barbárie gauchesca do XIX e o peronismo, relacionando o gaúcho com o trabalhador vindo do campo. Em sua política, Rosas apoiou-se nos camponeses, nos negros e nos gaúchos para fortalecer seu governo. Perón, em sua política, apoiou-se nos trabalhadores urbanos e do interior para fortalecimento e legitimação de seu governo. Através dessas comparações, Borges criticava o governo peronista, utilizando a literatura gauchesca: “Los textos de Borges se colocan en un campo histórico de fuerzas donde se enfrentan ideologías políticas.” (Sarlo, 2008, p.131).

A literatura gauchesca, conforme sustentado por Josefina Ludmer ao longo do seu livro *O gênero gauchesco*, pode ser lida por um viés político-literário, pois a cultura



letrada, ao representar o gaúcho na literatura, tinha como objetivo uma cadeia de usos desse sujeito. Ludmer toma por base o posicionamento de Ángel Rama que afirma haver no Uruguai do começo do século XX duas literaturas, uma urbana e outra rural. A literatura pampeana, vinculada à gauchesca, constituiria um sistema literário já consolidado, no sentido atribuído por Antonio Candido, com a formação de uma tradição articulada em autores, obras e público:

[...] cree él asimismo que, “por encima de esta admirable operación literaria hay una explicación aún más convincente: si los gauchescos pudieron crear una literatura lo debieron a que fueron casi los únicos que eligieron decididamente un público [...] La literatura urbana, en cambio, no sólo no logró constituir el ‘sistema’, sino que se ha ido desprendiendo de su escaso público -los últimos decenios han sido trágicos-; así el escritor trabajó para la élite de escritores, con el ojo puesto en el ‘hombre universal’ y en el ‘hombre del futuro’. No obtuvo ni uno ni otro”. (Rojo, 2008, p.83-84).

O ensaio de Ángel Rama sobre a gauchesca é importante para as formulações de Josefina Ludmer, que postula a tese de que a intenção primeira da gauchesca é política, a partir do conceito das cadeias de uso, segundo as quais a cultura letrada: 1º) usaria a voz da cultura popular para usar o corpo do gaúcho para o exército; 2º) autorizaria o uso da voz do gaúcho na literatura, estabelecendo o gênero gauchesco que se consolida com “La vuelta de Martín Fierro”, de José Hernández e, por fim; 3º) usaria o gênero para acrescentar o gaúcho no processo civilizatório. Dessa forma, usa-se o gênero gauchesco toda vez que se necessita usar o gaúcho nos processos políticos.

Ao contrário de Hernández, que queria aproveitar o gaúcho no processo civilizatório, Domingo Faustino Sarmiento considerava tanto índios como gaúchos como uma ameaça a seu sonho de civilização, apesar de existir uma diferença de grau entre um e outro. Em *Facundo o Civilización y barbarie*, Sarmiento sustenta a tese de que a extensão do território argentino constituía um entrave ao progresso: “El mal que aqueja a la República Argentina es la extensión.” (Sarmiento, 2009, p.57). A extensão propiciaria a dificuldade de comunicação entre as províncias, possibilitando a formação de governos locais centrados nas figuras de caudilho, cuja terra “ha de gobernar él solo en el desamparo del desierto.” (Sarmiento, 2009, p.64). A presença de famílias feudais ilhadas acabou permitindo o federalismo de Rosas, pois “no habiendo sociedad reunida, toda clase de gobierno se hace imposible.”. (Sarmiento, 2009,p.34).

A solução para a barbárie seria a imigração europeia. Sarmiento salienta a necessidade de imigrantes europeus brancos para seu projeto civilizatório. A civilização é identificada, pois, à Europa, às leis, às ideias de progresso, à educação formal, à organização municipal, ao governo regular e, principalmente, ao urbano. Saindo do espaço urbano, “todo cambia de aspecto.” (Sarmiento, 2009, p. 68), como se vê em um



fragmento do ensaio sarmentino, que dialogaria com o conto “El matadero”, de Esteban Echeverría. Diz o texto de Sarmiento: “Todo lo que hay de civilizado en la ciudad está bloqueado por allí, proscrito afuera; y el que osara mostrarse con levita, por ejemplo, y montado en silla inglesa, atraería sobre sí las burlas y las agresiones brutales de los campesinos.” (Sarmiento, 2009, p. 69). No conto de Echeverría, o unitário cavalga em uma estrada próxima do matadouro

Era este un joven como de veiticinco años de gallarda y bien apuesta persona [...], muy ajeno de temer peligro alguno. Notando empero, las significativas miradas de aquel grupo de dogos de matadero, echa maquinalmente diestra sobre las pistoleras de su silla inglesa, cuando una pechada al sesgo del caballo de Matasiete lo arroja de los lomos del suyo tendiéndolo a la distancia boca arriba y sin movimiento alguno (Echeverría, 1870, p.16).

Segundo Paulo Renato da Silva, em trabalho intitulado *Alpargatas si, libros no? Produção cultural e legitimidade política durante o governo de Perón*, “O matadouro aparece como uma metáfora da Argentina rosista. Após perseguirem um animal que escapou, os federalistas encontram o jovem unitário, que não usava as insígnias ordenadas pelo governo de Rosas, e entram em choque com ele” (Silva, 2009, p. 219).

Com ponto de vista ideológico diferente do de Sarmiento, Hernández, em “El gaúcho Martín Fierro”, atribui a culpa da dissolução dos gaúchos ao sistema de Urbanização, progresso e as guerras civis empreendidos por Domingo Faustino Sarmiento. É possível ler essa obra considerando seu destinatário, o então presidente Sarmiento com sua fixação em seu projeto civilizatório urbano e que excluía o gaúcho da formação cultural argentina. Em “La vuelta de Martín Fierro”, sobretudo se considerarmos os conselhos dados pelo protagonista a seu filho, percebemos um gaúcho pacífico, agora empregado do Estado e já identificado com os costumes urbanos. A obra termina em suspenso, com Martín Fierro recusando duelar, o que parece ser a causa da grande insatisfação de Borges, que reescreve Martín Fierro, dando-lhe uma morte digna de herói.

O primeiro dos contos de Borges a ser analisado neste trabalho, considerando o eixo civilização/barbárie presente nas obras de Sarmiento e Echeverría, será “El fin”, escrito em 1953 e publicado na segunda edição de *Ficciones* (1956), o qual apresenta a continuação de um episódio descrito na obra Martín Fierro (1872), de José Hernández. Uma *pulpería*, perdida no interior argentino, é o lugar de encontro para um ajuste de contas pendente entre um negro e Martín Fierro. Há sete anos, o negro teve seu irmão assassinado por Fierro. O espaço onde ocorre a história é o mesmo do episódio descrito na obra de Hernández. Martín Fierro reaparece e desafia novamente o negro para um



duelo. Após trocarem algumas palavras, entram em combate e o negro o mata com uma facada.

Recabarren, o dono da pulpería onde ocorre a ação, observa imobilizado todo o desenvolvimento do conto, já que tinha sofrido uma paralisia na noite anterior:

Recabarren, patrón de la pulpería, no olvidaría ese contrapunto; al día siguiente, al acomodar unos tercios de yerba, se le había muerto bruscamente el lado derecho y había perdido el habla. A fuerza de apiadarnos de las desdichas de los héroes de la novelas concluimos apiadándonos con exceso de las desdichas propias; no así el sufrido Recabarren, que aceptó la parálisis como antes había aceptado el rigor y las soledades de América (Borges, 2008, p.98)

O negro chega à pulpería e, logo depois, chega Fierro e o desafia para um duelo. Recabarren vê todo o desenvolvimento da briga, inclusive seu desfecho, a morte de Fierro. "Desde su catre, Recabarren vio el fin. Una embestida y el negro reculó, perdió pie, amagó un hachazo a la cara y se tendió en una puñalada profunda, que penetró en el vientre. Después vino otra que el pulpero no alcanzó a precisar y Fierro no se levantó."(Idem, p.99). Após golpear Fierro, o negro limpa sua faca no pasto, com uma alusão clara ao poema de Hernández, e parte sem um destino certo. "Cumplida su tarea de justiciero, ahora era nadie. Mejor dicho era el otro: no tenía destino sobre la tierra y había matado a un hombre"(Idem, p.100).

Observando a paralisação de Recabarren, a questão do enquadramento é evidente no conto. Poderíamos, a partir de uma leitura alegórica do conto como representativo da construção da identidade nacional argentina, entender Recabarren como representação de Echeverría, um dos escritores do século XIX, que discute a relação entre a civilização e a barbárie. Em seu estado de paralisação, como se fosse um ser fora do tempo, situado em outra dimensão, estaria observando a luta entre a civilização, representada pelo negro, e a barbárie, representada por Fierro, já que não poderia influenciar no duelo. Com a vitória do negro, representando a civilização, Borges sugere que os conceitos de progresso, democracia e civilização defendidos pelos escritores da geração de 1837 estariam corretos.

Outra questão a ser observada é a de que Recabarren representaria a nação argentina, uma vez que esta decide, através de um duelo, se pertence à civilização ou à barbárie, mesmo que quase um século depois. Com o destino incerto do negro, Borges mostra que a nação argentina civilizada seguiria sem destino, já que o escritor estava insatisfeito com o regime peronista. A pátria estaria, portanto, com um destino incerto no governo de Perón.



Ao estabelecer o final do conto em aberto, como discute Ricardo Piglia no texto sobre a arte de narrar borgeana, Borges demonstra sua concepção circular de história, o eterno retorno de que fala Nietzsche. Como comentado anteriormente, o conto "Funes el memorioso", uma grande alegoria sobre a história, dialoga com a concepção nietzscheana de história, fazendo, inclusive mencionando as leituras que o autor fizera de Nietzsche, como se depreende no discurso do narrador, ao comparar Funes com um "Zaratustra":

Anegado de pasado y de presente, el hombre desprovisto de la facultad de olvidar con que Nietzsche ejemplifica el exceso moderno de estudios históricos, también "está condenado a ver en todas las cosas el devenir". No casualmente Borges ubica a Funes el registro profético del Zaratustra. La excesiva profusión de saberes exánimes referidos al pasado aparece de este modo desbordando la compuerta que lleva injustificadamente a prejuzgar el porvenir mediante el artículo de fe del progreso(Kreimer, 2000).

A concepção circular, do eterno retorno da História, também aparece em "El fin", que se constrói como um espelho invertido do épico de Hernández, com a vitória da civilização, a partir de um duelo entre Fierro e o moreno. Há, nesse conto, dois duelos: um é evidente, o outro não. O Moreno perde o duelo de payador, sendo assassinado por Fierro, no poema *La vuelta de Martín Fierro*, um elemento cultural importante na tradição argentina. Ao matar o negro, mostra-se a barbárie do gaúcho. No outro duelo, o negro, irmão do homem assassinado por Fierro, vence o duelo, assassinando o gaúcho e, assim, fazendo vingança. O negro, ao assassinar Fierro, inicia uma nova etapa na história, matando a figura que caracterizaria toda a identidade gauchesca.

Utilizando essa retomada da literatura gauchesca, Borges volta ao passado, julga a atitude das personagens e refaz toda a história, através de uma linguagem do presente da enunciação, já que foi escrito em 1956 com linguagem de 1956, e não com linguagem da gauchesca do XIX. "Borges destruye, por un lado, la idea de identidad fija de un texto; de otro, la idea de autor; y finalmente, la de escrita original" (Sarlo, 2007, p.66).

Na cena do poema *La vuelta de Martín Fierro* (1879), onde Martín Fierro foge do duelo com o Moreno, irmão do Negro assassinado pelo protagonista em *El gaúcho Martín Fierro* (1872), Borges escreve que:

(...) uno de los episodios más dramáticos y complejos de la obra. (...) Hay en todo él una singular gravedad y está como cargado de destino. (...) Los versos son bellos y son asimismo fatídicos. (...) El desafío del Moreno incluye otro, cuya gravitación creciente sentimos, y prepara o prefigura otra cosa, que luego no sucede más allá del poema. (...) Podemos imaginar una pelea más allá del poema, en la que el Moreno venga la muerte de su hermano (Borges *apud* Silva, 2008, p. 161).



Aqui vemos claramente o que motivou Borges a escrever o conto “El fin”, refazendo a história e dando um final heroico para o protagonista. Borges, ao finalizar “El fin”, dá uma morte honrada a Martín Fierro e ao negro, um destino incerto. A intenção desse final está ligada ao posicionamento ideológico de Borges em relação ao peronismo. Em “El fin”, Borges não muda a moral da história, somente seu eixo:

Em “El fin”, Borges não muda a moral da história, somente seu eixo: a civilização ainda derrota o gaúcho, assim como Borges espera que também ainda derrote o peronismo, mas, no seu conto, a derrota é menos vergonhosa. Em Hernández, o gaúcho sai de cena humilhado, fugindo da briga, negando todo o seu código de conduta. Em Borges, o gaúcho é vencido, mas com honra: ele volta para enfrentar seu destino cara-a-cara, olho-no-olho, e morre como homem, de faca na mão (Silva, 2008, p. 173).

Em ensaio intitulado *Borges: el arte de narrar*, Ricardo Piglia, ao discutir os finais dos contos borgeanos, sustenta que o autor de *Ficciones* admira o final aberto de *El gaucho Martín Fierro*, em que as figuras de Fierro e Cruz (esta última reescrita no conto “Biografía de Tadeo Isidoro Cruz”) se distanciam gradativamente da cena rumo a um destino incerto, e Fierro deixa escapar “dos lagrimones” que “le rodaron por la cara”(Piglia, 1999, p.14). Segundo Piglia, “Y esas dos lágrimas silenciosas lloradas en el Alba impresionan más que una queja y son una cifra de la pérdida y del fin de la historia” (Idem, p.14). A cifra da perda representaria o destino incerto do gaúcho nessa sociedade urbana, organizada pelos princípios norteados pela política dos presidentes liberais, que excluem gaúchos e índios dos seus projetos civilizatórios.

Borges condena os homens de rua, identificados como a barbárie, em favor de uma ideologia, praticamente cegos, obedecendo aos comandos das instâncias de poder de Perón. Por outro lado, reconhece essa barbárie como necessária para a construção de uma diversidade cultural argentina:

Frente a la heterogeneidad hubo reacciones diferentes: la defensa de una elite del espíritu que se convirtiera en instrumento de purificación o, por lo menos, de denuncia del carácter artificioso y viciado de la sociedad argentina; el recurso a mitos del pasado que apoyaran una línea del presente, lo que implicó la reivindicación del pasado y la discusión de la herencia; el reconocimiento del presente como diverso y la apuesta a que era posible, sobre esa diversidad, construir una cultura [...] (Sarlo, 2007, p.33).

De acordo com Alexandre Silva, no ensaio “O herói negro do Martín Fierro: civilização x barbárie em Borges e Hernández” (2008), “El fin” é o último exemplo da literatura gauchesca, já que depois da obra máxima da questão gaúcha, não haveria mais



sentido em continuar com essa tradição. Ainda segundo o autor, Borges comparava o peronismo com a barbárie gaúcha. Ao derrotar o gaúcho, espera que a sociedade derrote o peronismo, já que durante o período houve uma valorização da identidade gauchesca:

[...] nas décadas de 1940 e 50, acossado por um peronismo que via como um retorno da barbárie do século XIX, Jorge Luis Borges relê, reinterpreta e retoma o Martín Fierro, mudando para sempre o modo como o poema será lido (Silva, 2008, p. 153).

Ao assassinar o protagonista, Borges estaria dando fim à identidade gauchesca. Segundo o escritor, Martín Fierro era um personagem imperfeito, um bandido, um fora-da-lei. Assim, não poderia representar a nação Argentina. O conto é da década de 1950, período caracterizado pelas emigrações de pessoas do interior para Buenos Aires e arredores, devido ao processo de industrialização. É nesse momento que o confronto com o peronismo entra, pois Perón mobilizava os trabalhadores vindos do interior para, assim, legitimar seu governo. Outra questão era a valorização, durante o peronismo, da identidade gaúcha. Dessa maneira, fica evidente a crítica de Borges ao governo de Perón.

5. “La fiesta del Monstruo” e a barbárie em tempos de Perón

Escrito em coautoria com Adolfo Bioy Casares, “La fiesta del Monstruo” é assinado por um pseudônimo, quase um semi-heterônimo compartilhado por Borges e Casares, com biografia, personalidade e características literárias próprias. O conto é construído considerando duas obras do século XIX, que identificam no diferente a barbárie: o poema “La refalosa”, de Hilario Ascasubi, e o conto “El matadero”, de Echeverría, comentado anteriormente, quando discutimos o eixo civilização/barbárie presente no século XIX argentino. O poema de Ascasubi é fundamental para a compreensão do conto de H. Bustos Domecq, com destaque para o verso epigrafado “Aquí empieza su aflicción”. Não é a toa que Borges e Casares escolheram esse trecho de “La refalosa”, em cujos versos um gaúcho descreve a outro os métodos de tortura conhecidos com o nome que intitula o poema. Assim,

(...) conto consiste em uma releitura de La refalosa de Ascasubi e El matadero de Echeverría. Releitura das guerras civis do século XIX entre unitários e federalistas, da tensão entre capital e interior que até hoje marca o pensamento argentino, pois era comum os unitários relacionarem o federalismo ao campo, ao interior argentino, onde viam sinais de barbárie” (Silva, 2007, p.182).

No conto de Borges e Casares, a vítima da barbárie que parece invadir o centro de Buenos Aires é um judeu que será apedrejado por uma comitiva de trabalhadores



peronistas. As ações dessa comitiva, que é levada em um caminhão para o Comitê do Monstro, identificado como o próprio Perón, são descritas por um narrador-protagonista que dirige seu discurso a sua noiva Nelly, mencionada muitas vezes no texto.

Perón seria o Monstro do conto: “(...) é quase dispensável dizer que o Monstro é Perón – tem um sorriso marcante, se define como ‘grande trabalhador argentino’, discursa em cadeia de rádio, tem marchinhas etc. - e que os participantes são os descamisados, termo usado pelo discurso peronista para se referir aos trabalhadores e humildes.” (Silva, 2007, p.184). O contraponto do discurso do narrador, ao se referir a Perón, com as posturas anti-peronistas dos autores, provoca o efeito de humor em muitas partes do texto, chegando, algumas vezes, à caricatura: “No pensaba más que en el Monstruo y que al otro día ló vería sonreírse y hablar como el gran laburante argentino que es” (Borges; Bioy Casares, 1947, p.393).

Logo nas primeiras linhas do conto, sabemos as características da personagem que narrará seu trajeto da periferia da cidade para o centro: “Yo, en mi condición de pie plano, y de propenso a que se me ataje el resuello por el pescuezo corto y la panza hipopótama tuve un serio oponente en la fatiga”(Idem, p.392). Aqui, já se tem a imagem de um sujeito gordo, com pouca mobilidade e que demonstra preguiça com relação ao trabalho.

Ao longo do conto, esse narrador, ao descrever todas suas ações, demonstra uma ingenuidade tão grande que chega ao ponto de idolatrar o Monstro, seguindo passivamente todos os comandos dados por agentes do Estado, como o caminhoneiro e o condutor do ônibus, animalizados, revelando certo desprezo dos autores pelo popular: “El camionero, que se lo tenía bien remanyado al guarda-conductor, causa de haber sido los dos – en los tiempos heroicos del Zoológico Popular de Villa Domínico – mitades de un mismo camello, le suplicó a ese catalán de que nos portara”(Idem, p.397).

Essas duas personagens que formariam a metade de um animal, representam emanções do autoritarismo que se quer denunciar no conto, e que provém do Monstro: “para la patria, el Monstruo, para nuestra merza en franca decomposición, el camionero” (Idem, p.397). O caminhoneiro está para a crosta em decomposição, assim como o Monstro está para a pátria. Se o primeiro pode ser lido como uma emanção do segundo, os espaços também apresentariam essa dimensão alegórica, permitindo que o leitor identifique a pátria argentina durante o governo peronista como também em decomposição. O mesmo posicionamento encontra-se no discurso do unitário torturado pelos federais no conto de Echeverría, durante o confronto dessa personagem com o juiz do matadouro.

- 
- ¿Por qué no llevas luto en el sombrero por la heroína?
 - Porque lo llevo en el corazón por la Patria, ¡por la Patria que vosotros habéis asesinado, infames! (Echeverría, 1870, p.19)

Pátria assassinada no conto de Echeverría, pátria em decomposição para Borges e Bioy Casares, a imagem de uma Argentina agonizante é o que se pretende mostrar por meio do confronto civilização/barbárie em ambas as narrativas. Como visto anteriormente, Borges costumava relacionar o governo de Perón com o de Rosas, ambos vistos como tiranos e com enormes tentáculos, abarcando todas as esferas de poder, como o juiz do matadouro, extensão do autoritarismo de Rosas, e o caminhoneiro e condutor de ônibus em "La fiesta del Monstruo", como extensão do poderio de Perón.

O conto de Borges/Bioy Casares é todo marcado por um discurso irônico que visa a ridicularizar todo o aparelho ideológico do estado peronista, desde a escolha de um narrador ingênuo, com comportamentos idiotas, constantemente ridicularizado pelos próprios colegas e que adere a uma massa seguidora de um líder carismático que foi Perón. O narrador chega a descrever um sonho que tivera com o Monstro, no qual ele seria uma mascote de Perón. Esse sonho ocorre após outro momento onírico descrito, com uma tonalidade um tanto lírica para um conto onde predomina a sátira:

[...] aunque soñé primero con una tarde, cuando era pibe, que la finada mi madre me llevó a una quinta. Creeme, Nelly, que yo nunca había vuelto a pensar en esa tarde, pero en el sueño comprendí que era la más feliz de mi vida, y eso que no recuerdo nada sino un agua con hojas reflejadas y un perro muy blanco y muy manso que yo le acariciaba el Lomuto (Borges; Bioy Casares, 1947, p.393).

A imagem onírica da infância, um tanto difusa na memória do narrador, funciona como um duplo de outro sonho, no qual o narrador se imagina como um fiel escudeiro de Perón: "por suerte salí de esas purretadas y soñé con los modernos temários que están en el marcador: el Monstruo me había nombrado su mascota y, algo después, su Gran Perro Bonzo" (Idem, p.393). Por um lado, uma imagem onírica do passado, por outro, uma imagem projetada no futuro, e no intervalo de ambas a poética água com folhas refletidas. O reflexo de uma imagem passada, em que surge um cachorro muito manso, tal como o narrador deseja ser para com Perón, apresenta ressonâncias no desejo de servilismo sem limites, a ponto de o narrador desejar ser uma mascote do presidente: "(...) la masa aparece hipnotizada por la voz del Monstruo y controlada por su aparato represivo: al narrador, el Monstruo lo "había nombrado su mascota, y algo después, su Gran Perro Bonzo" (Rosano, 2003, p.12). Novamente, encontramos a redução das



personagens que ocupariam o eixo da barbárie ao nível do animal, tendência que acompanhará o relato.

Em termos espaciais, opera-se um movimento da periferia para o centro. A “chusma” de trabalhadores parece invadir o centro de Buenos Aires:

Serían recién las diecinueve de la tarde cuando al fin llegamos a la Avenida Mitre. Morpurgo se rió todo de pensar que ya estábamos en Avellaneda. También se reían los bacanes, que a riesgo de caer de los balcones, vehículos y demás bañaderas, se reían de vernos de a pie, sin el menor rodado” (Borges; Bioy Casares, 1947, p.399)

O fragmento acima transcrito demonstra os contrastes sociais. Por um lado, a massa de operários recém-chegados a pé, após provocarem um incêndio no ônibus que os levava ao comitê, a importantes avenidas e ruas do centro de Buenos Aires (Mitre, Avellaneda e, posteriormente, Tacuarí e Belgrano); por outro, a burguesia portenha, distante dos problemas sociais (observam de longe, das sacadas de suas moradias) e de posse de veículos e outros aparatos da modernidade industrial. A barbárie finalmente chega ao espaço da burguesia e vai provocando destroços, tendo como ápice de crueldade o apedrejamento de um judeu. Essa morte também possui semelhanças com a obra de Echeverría:

No assassinato do jovem estudante judeu pelos seguidores do Monstro, a releitura da morte de um unitário por federalistas que marca o conto *El matadero* de Esteban Echeverría, unitário como Ascasubi. Depois do assassinato, ainda mutilaram o rosto – “(...) Mopurgo (...) me hizo clavar la cortaplumita en lo que hacía las veces de cara” –, roubaram alguns pertences do jovem estudante judeu e seguiram para a Praça de Maio, pois “(...) quedó relegado al olvido ese episodio callejero.” (Silva, 2009, p.219).

O apedrejamento do judeu é rapidamente esquecido pela “chusma” que invade o centro de Buenos Aires, representando a barbárie invadindo a civilização, o homem de rua invadindo os espaços do homem de livros. Há de se ressaltar que depois do brutal assassinato do judeu, a comitiva rouba todos os seus pertences, deixando de lado os livros, que, na visão de Borges, seriam indiferentes a essa barbárie iletrada.

Después del ejercicio que acalora me puse el saco, maniobra de evitar un resfrió, que por la parte baja te representa cero treinta en Genioles. El pescuezo lo anude en la bufanda que vos zurciste con tus dedos de hada y acondicione las orejas sotto el chambergolino, pero la gran sorpresa del día la vino a detentar Pirosanto, con la ponenda de meterle fuego al rejunta piedras, previa realización en remate de anteojos y vestuario. El remate no fue suceso. Los anteojos andaban misturados con la viscosidad de los ojos y el ambo era engrudo con la sangre. También los libros resultaron un clavo, por saturación de restos orgánicos. La suerte fue que el camionero (que resulto ser Graffiacane), pudo rescatarse su reloj



del sistema Roskopf sobre diecisiete rubies, y Bonferraro se encargo de una cartera Fabricant, con hasta nueve pesos con veinte y una instantánea de una señorita profesora de piano, y el otario Rabasco se tuvo que contentar con un estuche de Bausch, para lentes, y la lapicera fuente Plumex, para no decir nada del anillo de la antigua casa Poplavsky (Borges; Bioy Casares, 1947, p.401-2).

Nesse conto, encontramos elementos que evidenciam a violência praticada pelos militantes. Vale lembrar que a mãe e a irmã de Borges foram presas, em 1948, após participarem de um protesto contra o governo. Segundo Edwin Camacho:

La fiesta del monstruo presenta una imagen del peronismo desde la perspectiva de una clara distinción entre orden civil y violencia. Su crítica al peronismo es la disolución de estos límites, la irrupción del otro en el terreno claramente delimitado de los letrados y de la racionalidad política; estilísticamente esta disolución es perceptible recurriendo a toda clase de usos populares de la lengua, a la búsqueda de una cercanía con el habla de los sectores populares, y de un desprecio hacia la discusión de los argumentos del judío (y a sus libros). Para Borges y Casares, el peronismo se encuentra más allá de cualquier orden civil o racional, y se asienta en la pura brutalidad y la violencia, siendo su control de las instituciones una perversión, de ahí que no tenga seguidores o partidarios, sino verdaderas bandas armadas al estilo de la mazorca bajo el régimen de Rosas. Lo que aterra a los letrados es esta irrupción del otro en la vida civil, para ellos convertidos en un lugar de delincuencia, barbarie y brutalidad antes que de discusión o ideas. Esta visión irá perdiendo sus tonos polémicos, despolitizándose paulatinamente tras la caída del peronismo, sin que por ello, esta vez bajo la conceptualización de populismo, el peronismo haya perdido su carácter problemático para las nuevas élites letradas (Camacho, 2011, p.49-50).

No conto de Echeverría, o unitário depara-se com os carniceiros, “verdaderas bandas armadas al estilo de la marozca bajo el régimen de Rosas”, como propõe Camacho. De forma correlata, e estabelecendo um paralelo com o período rosista, em “La fiesta del Monstruo”, a barbárie também obstrui a passagem do judeu. É interessante destacar que Borges havia sido acusado de judaísmo durante o período de força da ideologia nazista, porém, apesar de provar não ter nenhuma herança judaica, revela que teria orgulho de ser judeu e cita numerosos exemplos de judeus ilustres. Dessa forma, Borges e Bioy Casares, apesar da criação de um narrador cegamente peronista, conseguem manifestar, nos interstícios da narração, suas consciências autorais, identificando-se com o judeu e mofando dos partidários de Perón, identificados no conto como a barbárie iletrada, que era preciso combater, dialogando com o texto de Echeverría e, de certa forma, corroborando, ideologicamente, com o ponto de vista de Sarmiento expresso no seu *Facundo*:

Dar la palabra al enemigo para que refleje toda su barbarie es un procedimiento de Ascasubi (en "La refalosa") que Borges y Bioy retomam, superponiendo el rosismo al peronismo (una interpretación extendida y casi clásica). Pero a través de la muerte sin justificación de un estudiante judío, el texto se inclina hacia el liberalismo escandalizado de "El matadero" (el sacrificio del unitario forma un eco



con el asesinato del judío: rosismo y facismo son las bases que Bioy e Borges encuentran en el movimiento de masas peronista) (Panesi, 2008, p.38).

Luis Alejandro Rossi afirma que o assassinato do jovem estudante judeu J. Salmún Feijóo pela Aliança Libertadora Nacionalista ao se negar a saudar um retrato de Juan Perón, teria inspirado Borges e Bioy Casares a introduzirem a morte do jovem judeu no conto (Silva, 2007, p.184). Assim, a narrativa seria uma denúncia contra o totalitarismo, o anti-semitismo, a violência do regime. Da mesma forma que Echeverría, Borges e Bioy Casares denunciavam, através da literatura, as atitudes praticadas pelo caudilho, tanto Rosas quanto Perón:

A tensão entre o progresso, que representaria o ato de civilizar-se, e a adoção de um procedimento político em torno das figuras carismáticas e poderosas, o caudilhismo, era cada vez mais evidente. Durante os governos de Juan Manuel de Rosas (1829-32; 1835-1952), a oposição ilustrada e liberal, utilizava-se da representação literária para denunciar as práticas de Rosas e, no caso de Echeverría, o forte apoio popular que o líder político obtinha” (Freitas Neto, 2007, p.160).

Borges e Bioy Casares ainda denunciavam no conto problemas sociais, como a fome e a pobreza do povo na capital argentina:

É importante destacar, ainda as passagens nas quais Borges e Bioy Casares representam uma Argentina pobre, atrasada, distante do desenvolvimento e da justiça social que o peronismo dizia promover. [...]. O jovem trabalhador ainda se refere às localidades pelas quais passou como focos de população morta de fome. (Silva, 2007, p.186).

Em “La fiesta del Monstruo”, a estratégia do foco narrativo no modo “eu-protagonista” é fundamental para a obtenção dos efeitos de sentido propostos por Borges e Bioy Casares, ao dar a voz do discurso a um narrador identificado à barbárie e com comportamentos que o aproximam de uma figura *clownesca*. Ao passar a palavra ao outro, ao que se situa em um espaço e uma cosmovisão diferentes da elite letrada, identificada como civilização, os autores do conto permitem que ele exponha toda a barbárie que abrange o seu grupo formado por “cabecitas negras” e “descamisados”, violência considerada pelo narrador como um “episodio callejero”, logo deixado no esquecimento. Essa atitude, bem como as de incendiar o ônibus, de roubar uma bicicleta de um cidadão e, principalmente, de apedrejar um judeu configuram os valores disfóricos atribuídos a esse grupo social. O narrador, bem como as demais personagens que fazem parte dos seguidores de Perón, são despidos de componentes racionais, sendo guiados apenas pelos instintos, o que justificaria o tratamento animalizado que recebem dos



autores. Esses se encontram por trás dos bastidores da narrativa, ao engendram um autor implícito, H. Bustos Domecq, que compartilharia visões ideológicas dos dois autores, e um narrador cegamente peronista, marcando o contraponto irônico da visão do narrador e a dos autores, possibilitando, assim, a criação de um texto marcado pela ironia ao discurso peronista.

Considerações finais

Ao analisar os contos “El fin” e “La fiesta del Monstruo”, observamos inúmeras questões relacionadas à identidade, seja ela gaúcha (barbárie) ou metropolitana (civilizada). No primeiro, há um confronto direto entre Martín Fierro, que representaria a barbárie, e o moreno, que representaria a civilização. Ao assassinar Martín Fierro, o escritor evidencia que a “civilização” se sobressaiu à “barbárie”. Em “La fiesta del Monstruo”, há também um confronto direto entre os interioranos, considerados como barbárie, e os judeus metropolitanos, tidos por Borges e Bioy como civilização. Por mais que o destino seja a morte do judeu, os autores do conto mostram que este morreu de uma forma digna, evidenciando sua “civilidade”. Nos dois contos analisados, os conceitos de “Civilização” e “Barbárie” são evidentes. É interessante notar que Borges discute esses conceitos através de dois períodos históricos, um no XIX e outro no XX.

Segundo Paulo Renato da Silva, o conto de Borges e Bioy Casares levanta várias questões como a relação entre os setores populares e a intelectualidade, a divinização da figura de Perón, o choque entre a ‘civilização’ e ‘barbárie’ e do nacionalismo com o cosmopolitismo, dualidades já presentes, segundo Beatriz Sarlo, em poemas de Fervor de Buenos Aires. No entender de Paulo Renato, há no conto um “[...] encontro do interior com a capital, dos setores populares com os mais intelectualizados, do nacionalismo com o cosmopolitismo, da “barbárie” com a “civilização”, para usar os termos recorrentes no pensamento argentino desde o século XIX.” (Silva, 2009, p. 2).

Em “El fin”, a questão de ‘civilização’ e ‘barbárie’ aparece nas atitudes dos protagonistas: o moreno é sereno, tem a voz calma, enquanto Fierro é nervoso e impulsivo. O mesmo ocorre em “La fiesta del Monstruo”, em que o estudante judeu demonstra serenidade e ora a Deus durante seu apedrejamento pela barbárie exaltada. Em ambos os contos, as caracterizações das personagens, bem como o uso do foco narrativo, corroboram para veicular as ideologias dos autores. Foi possível, dessa forma, ler os dois contos a partir de uma estrutura especular, que relaciona o peronismo ao rosismo, os gaúchos aos “cabecitas negras”. Também foi possível verificar a presença de



elementos políticos e sociais na estrutura interna dos contos de Borges, contrariando uma vertente crítica que prioriza na ficção borgeana os aspectos filosóficos e metafísicos.

Bibliografia

Albuquerque Júnior, Durval Muniz de (2006) *História: a arte de inventar o passado*. Natal. 14p. Disponível em: <<http://www.cchla.ufrn.br/ppgh/durval>>. Acesso em 20 de junho de 2012.

Berstein, Ariel (2001) Jorge Luis Borges – Julio Cortázar Literatura y Política. In: *Revista Hispano Cubana*. Madrid. Nº 11.

Borges, Jorge Luís (2008) *Ficciones*. Buenos Aires: Alianza Editorial. (Biblioteca del autor).

Borges, Jorge Luis.; Bioy Casares, Adolfo (1947) “La fiesta del monstruo”. In: *Nuevos Cuentos de Bustos Domecq*. Buenos Aires: Emecé.

Camacho, Edwin (2011) *Peronismo, cine y literatura*. In: *Todas as Musas*, Ano 02 Número 02 Jan-Jun. p.49-50.

Candido, Antonio (1973) *Literatura e sociedade: estudos de teoria e história literária*. 3.ed. revista. São Paulo: Editora Nacional.

Canto, Estela (1991) *Borges à contraluz*. Campos, Vera Mascarenhas de. (trad.). São Paulo: Iluminuras.

Echeverría, Esteban (1870) “El Matadero”. In: *Obras Completas de D. Esteban Echeverría*. Buenos Aires: Carlos Casavalle Editor.

Ferreira, A. C. ; Nascimento, G.M (2010) *A memória em Poemas da Recordação e outros movimentos, de Conceição Evaristo*. In: *VII Selisigno e VIII Simpósio de Leitura da UEL*, 2010, Londrina. Anais do VII Selisigno e VIII Simpósio de Leitura da UEL.

Ferreira Silva, Emanuela Francisca (2009) *Entre vencedores e vencidos: reflexões sobre história, memória e cesura*. Estação Literária: Vagão-volume 4.

Freitas Neto, José Alves de (2007) *A formação da nação e o vazio da narrativa argentina: ficção e civilização no século XIX*. Tempo Brasileiro, v. 169.

Kreimer, Roxana (2000) *Nietzsche, autor de "Funes, el memorioso". Crítica al saber residual de la modernidad*. In: *Jorge Luis Borges. Intervenciones sobre pensamiento y literatura*. Buenos Aires: Paidós. Disponível em: <http://www.elabedul.net/Articulos/Reserva/el_saber_residual.php>. Acesso em 20 de junho de 2012.

Le Goff, Jacques (1990) *História e memória*. Campinas: Editora da UNICAMP.

Ludmer, Josefina (2002) *O gênero gauchesco. Um tratado sobre a patria*. Chapecó: Argos.



Marx, Karl. *O Dezoito de Brumário de Luiz Bonaparte*. In: _____; ENGELS, Friedrich. *Obras Escolhidas. Volume 1*. São Paulo: Alfa-Omega, s. d.

Panesi, Jorge (2008) "*Borges y el peronismo*". In: Korn, G. (comp.) *El peronismo clásico*. Buenos Aires: Paradiso.

Piglia, Ricardo (1999) *Borges: el arte de narrar*. São Paulo: Humanitas/FFLCH/USP. (Cuadernos de Recienvenido,12).

Piglia, Ricardo (1994) *Tese sobre o conto*. In: *O laboratório do escritor*. Trad. Josely Vianna Baptista. São Paulo: Iluminuras.

Prado, Maria Ligia (1985) *O Populismo na América Latina*. São Paulo: Brasiliense.

Rojo, Grínor (2008). *Angel Rama, Antonio Candido y los conceptos de sistema y tradición en la teoría crítica latinoamericana moderna*. Discursos/prácticas nº 2.

Sarlo, Beatriz (2007) *Borges: un escritor en las orillas*. México: Siglo XXI.

Sarmiento, Domingo Faustino (2009) *Facundo*. Villa María: Eduvim.

Silva, Alexandre (2008) *O herói negro do Martín Fierro: civilização x barbárie em Borges e Hernández*. Estudos de Literatura Brasileira Contemporânea, nº. 31. Brasília.

Silva, Paulo Renato da (2007) "*A festa do Monstro*": *Borges, Bioy Casares e a representação do peronismo*. Tempo Brasileiro, v. 169.

Silva, Paulo Renato da (2009) *Alpargatas sí, libros no? Produção cultural e legitimidade política durante o governo de Perón (1946-1955)*. Tese de Doutorado, Universidade Estadual de Campinas.



¹ Paulo Alves Pereira Júnior é aluno do curso de História na Universidade Federal da Integração Latino-Americana e bolsista PROBIC com plano de trabalho intitulado *A Memória da Ditadura Stroessner: Setores Populares e Direitos Humanos no Paraguai*, orientado pelo Dr. Paulo Renato da Silva. Pertence ao grupo de pesquisa intitulado *Poéticas da modernidade: Comparatismo e Estudos Interartes*, cadastrado no CNPq, coordenado pelo Dr. Fernando de Moraes Gebra.

² Fernando de Moraes Gebra é Doutor em Letras, área de Estudos Literários, pela Universidade Federal do Paraná, com tese intitulada *Identidades intersubjetivas em contos de Mário de Andrade*. É professor adjunto de Literatura na Universidade Federal da Integração Latino-Americana. Coordena o grupo de pesquisa *Poéticas da modernidade: Comparatismo e Estudos Interartes*, cadastrado no CNPq, estudando, principalmente, os seguintes temas: o duplo na literatura e no cinema, a construção das identidades nacionais e intersubjetivas nas literaturas brasileira, portuguesa e hispano-americana do século XX.

